

| Recebido: 21 Jul. 2025 | Aceito: 03 Out. 2025 | Publicado: 22 Out. 2025 |

Espaço rizomático: entre códigos e territórios

Rhizomatic space: between codes and territories

Jahan Natanael Domingos Lopes¹

 <https://orcid.org/0000-0002-0410-5219>

Resumo

A partir da geografia pós-estruturalista, permeia-se na discussão teórica do espaço rizomático mediante a chave entre territórios e códigos. Em princípio, opõem-se as abordagens sistemáticas (com pontos interligados por linhas) defronte às rizomáticas (com linhas interligadas por pontos). Disso, encaminha-se, em uma revisão conceitual, à questão geográfica do rizoma em duas análises: 1) O espaço rizomático, pela investigação das linhas e 2) Os territórios e os códigos, pela investigação dos pontos. De modo direto, o espaço rizomático é a multiplicidade de espaços: espaços sociais, espaços políticos, espaços culturais, espaços econômicos, espaços naturais etc. As linhas são a relação, o movimento e o processo, entrelaçando os múltiplos espaços e possibilitando espaços múltiplos. Os pontos são o objeto, a matéria e concreto, coligando a realidade em estratos: assentados em duas faces, do código (pela expressão) e do território (pelo conteúdo). De fato, a história é a segmentação das linhas em códigos, enquanto a geografia é a estratificação dos pontos em territórios. Por esse sentido, guia-se do rizoma à realidade, pautando-se nas descontinuidades para uma geografia das diferenças.

Palavras-Chave: Pensamento geográfico; Pós-estruturalismo; Corpo; Lugar.

Abstract

From a post-structuralist geographical perspective, the theoretical discussion of rhizomatic space is approached through the lens of the relationship between territories and codes. Initially, systematic approaches (with points connected by lines) are contrasted with rhizomatic ones (with lines connected by points). From this, a conceptual review leads to the geographical question of the rhizome through two lines of analysis: 1) Rhizomatic space, explored through the investigation of lines; 2) Territories and codes, explored through the investigation of points. Put simply: rhizomatic space is the multiplicity of spaces: social spaces, political spaces, cultural spaces, economic spaces, natural spaces, and so on. Lines represent movement and process, weaving together multiple spaces and enabling multiple spatialities. Points represent matter and the concrete, connecting reality in strata: grounded in two facets, code (as expression) and territory (as content). In fact, history is the segmentation of lines into codes, while geography is the stratification of points into territories. In this sense, one moves from the rhizome to reality, guided by discontinuities toward a geography of differences.

Keywords: Geographic thought; Post-structuralism; Rhizome; Body; Place.

¹ Graduado na licenciatura e no bacharelado de Geografia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jahan_natanael@hotmail.com.

Introdução

Quando se vê uma coisa por inteiro, a distância – ele disse –, ela sempre parece bonita. Planetas, vidas... Mas, de perto, um mundo é feito todo de terra e pedras. E, dia após dia, a vida é um trabalho árduo, você se cansa, perde a perspectiva. Você precisa da distância, do intervalo. O jeito de ver como a terra é bela é vê-la como a lua. O jeito de ver como a vida é bela é vê-la da perspectiva da morte.

(Le Guin, 1974, p. 196)

A geografia, enquanto ciência, perpassa-se historicamente por diversas abordagens filosóficas. Em um devir próprio, a geografia esteve atrelada a todas as epistemologias constituídas na história da ciência; como marco, a partir de 1970 o leque de abordagens é ainda mais diverso, atentando-se: “fora do positivismo clássico (a fenomenologia, o estruturalismo, o neopositivismo, o marxismo, entre outras), abre à discussão geográfica caminhos até então nunca trilhados, o que vai multiplicar as dificuldades existentes para definir a matéria tratada por esta disciplina” (Moraes, 2007, p. 45). Além disso, as próprias intenções para a geografia mudam segundo cada novo aporte teórico. Dentre essas possibilidades, encontram-se as: “filosofias desconstrucionistas, uma continuação da escola de sociologia de Frankfurt do período entreguerras. O movimento foi especialmente influente durante os anos 1980, à época do surgimento das geografias pós-estruturalistas” (Claval, 2022, p. 7). Dos seguimentos de fundamentação teórica da geografia, a filosofia pós-estruturalista ganha cada vez mais destaque.

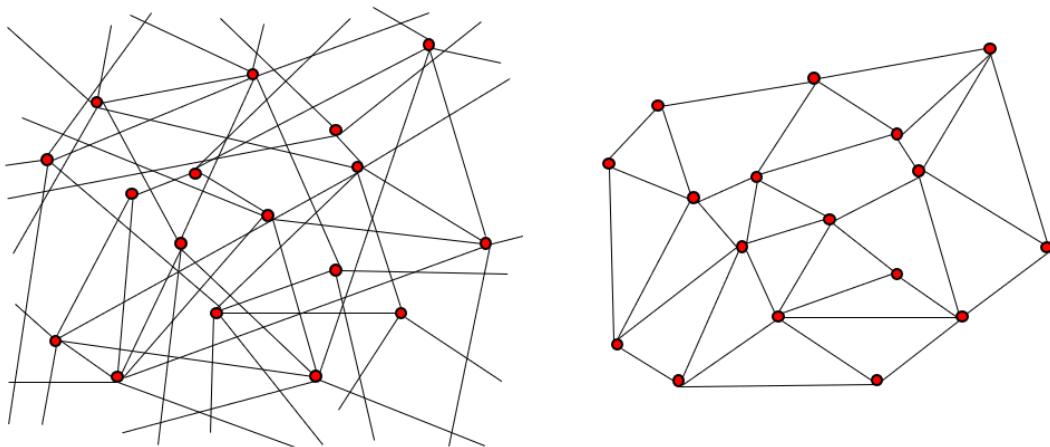
Por essa perspectiva, entende-se um confronto entre a filosofia moderna e a filosofia pós-moderna, respectivamente, arraigando uma discussão entre a identidade, o contínuo e o sistema e a diferença, o descontínuo e o rizoma. Com efeito, demarca-se que: “o pós-estruturalismo trouxe para o campo da geografia no final da década de 1980 e na década de 1990 uma crítica [...] das estruturas teóricas então dominantes: ciência espacial, realismo crítico, marxismo e humanismo”² (Woodward; Dixon; Jones, 2009, p. 396). Assim, as geografias pós-estruturalistas são eminentes desconstruções do conhecimento fundamento pela estrutura, pela razão e pela lógica. Em vista de confrontar a ideia de totalidade humana, assente-se que: “O pós-modernismo assinala a morte das meta-narrativas, cuja função era fundamental para legitimar a ilusão de uma história humana. [...] num processo de despertar da modernidade cheia de pluralismos, estilos heterogêneos, com várias formas de vida e linguagem” (Batista, 2015, p. 67). Nesse sentido, chega-se a uma visão contemporânea, em uma orientação crítica ao aprisionamento do conhecimento em uma teoria completa e totalizante da humanidade.

Em contraposição aos sistemas, a perspectiva pós-estruturalista propõe a concepção de rizoma. Essa perspectiva está proposta na obra do filósofo G. Deleuze (1925-1995) e do psicanalista F. Guattari (1930-1992), autores franceses, sobretudo no livro intitulado *Mil platôs* (1995a; 1995b; 2012a; 2012b;

² Tradução livre de: “To be specific, poststructuralism brought to the field of geography in the late 1980s and 1990s a critique [...] then dominant theoretical frameworks: spatial science, critical realism and Marxism, and humanism.”

2012c), segundo volume da obra *O Anti-Édipo* (2011) – esta produzida no contexto de maio de 68. De certo modo, há uma aproximação crítica da teoria rizomática com a teoria geral dos sistemas do biólogo austríaco L. Bertalanffy (1901-1972), esse com a obra *Teoria geral dos sistemas* (1969). O sistema e o rizoma são representações teóricas, propondo uma capacidade sintético-analítica da realidade, através de pontos (elementos/estratos) e de linhas (relações/segmentos). Em diferenciação, projeta-se a Figura 1, com espelhamento de pontos em distintas relações com as linhas.

Figura 1. Rizoma x Sistema



Fonte: produção nossa.

Os sistemas e os rizomas trabalham com pontos e linhas, todavia com distinção. Para a teoria do sistema, os pontos (elementos) estão conectados por linhas (relações), formando “uma nova disciplina científica que chamamos de teoria geral de sistemas. Seu assunto principal é a formulação de princípios que são válidos para ‘sistemas’ em geral, não importando a natureza de seus elementos componentes e das relações ou ‘forças’ entre eles”³ (Bertalanffy, 1969, p. 37). Outrossim, a teoria do rizoma afirma que o cruzamento das linhas promove os pontos, em uma relação de segmentos e de estratos: “Todo rizoma compreende linhas de segmentariedade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 25). Por esse caminho, observa-se um pertinente contraste, pois os rizomas privilegiam os processos, as relações e os movimentos e os sistemas privilegiam as formas, as estruturas e os objetos.

Ao sentido de definição mais acurada, o rizoma advém do conceito ecológico, sendo um tipo de caule. Em sua origem: “o conceito ‘Rizoma’ – palavra de origem grega ‘rhysos’, que quer dizer raiz – foi utilizado na botânica e significa que, na estrutura de algumas plantas, os brotos podem ramificar-se

³ Tradução livre de: “a new scientific discipline that we call general systems theory. Its main subject is the formulation of principles that are valid for ‘systems’ in general, regardless of the nature of their component elements and the relationships or ‘forces’ between them.”

em qualquer ponto, assim como engrossar e se transformar em um bulbo ou tubérculo” (Dias; Nassif, 2013, p. 153). O rizoma é um confronto direto aos sistemas racionais, em um feixe complexo de linhas, tanto que: “O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. [...] Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições [...]. Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução [...] Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques” (Deleuze; Guattari, 1995a, 43). Desse modo, confere-se uma geograficidade para a constituição rizomática: “Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. [...] o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 43). Nesse sentido, o rizoma opera uma geografia do múltiplo, tecida por linha, regendo um meio emaranhado, sendo um complexo de diferenças. Ademais:

O rizoma é uma proposta de construção do pensamento onde os conceitos não estão hierarquizados e não partem de um ponto central, de um centro de poder ou de referência aos quais os outros conceitos devem se remeter. O rizoma funciona através de encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades. O rizoma é a cartografia, o mapa das multiplicidades (Haesbaert; Bruce, 2002, p. 10).

Desse quadro, a geografia pós-estruturalista abre a filosofia da diferença, promovendo a discussão da multiplicidade a partir do rizoma. Por mais, situa-se no rizoma a própria movimentação dos desejos, segundo que: “O movimento dos desejos caracteriza-se em uma complexão maquinica entre territórios (*corpus*) e códigos (*socius*). Nesse quadro, entramam-se disposições de sobre(des)territorializações unidas às sobre(des)codificações” (Lopes, 2024, p. 50). De modo prático, a geografia rizomática é uma construção teórica contra os sistemas geográficos, lendo os processos como formadores da realidade ao revés das formas como designadoras de processos. Com ênfase, radicaliza-se: “Todas as formas de pontilhismo são indecorosas e mal-educadas. Somente relações, intermediações e durações podem ter consistência”⁴ (Doel, 2001, p. 566). Em vista de guiar a perspectiva pós-estruturalista ao pensamento geográfico, entende-se a questão de método pelo foco no movimento, constituindo códigos e territórios.

Ao intento de abrir-se a geografia pós-estruturalista, tem-se a concepção do rizoma enquanto proposta de orientação para a teorização do espaço rizomático, articulado entre territórios e códigos. Tudo parte do rizoma, fundamentando o próprio inconsciente – a natureza no humano –; com mais assertividade: “A questão é produzir inconsciente e, com ele, novos enunciados, outros desejos: o rizoma é esta produção de inconsciente mesmo” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 38, destaque dos autores). É pelos movimentos que a realidade vem a existir e, nesse caminho, é o inconsciente (como desejo em movimento) o fabricador das multiplicidades de territórios e de códigos. Com efeito, define-se que: “O

⁴ Tradução livre de: “*all forms of pointillism are unbecoming and ill-mannered. Only relations, meantimes, and durations can have consistency.*”

espaço abstrato é concebido antes de ser vivido”⁵ (Doel, 1999, p. 14). O espaço rizomático antevê o espaço vivido, como movimentação é a própria realidade produzindo-se pela natureza. Em especial, o movimento dos desejos, conforme a base rizomática do inconsciente, fabrica territórios e códigos. Nessa discussão densificada, convoca-se este trabalho a analisar esse pensamento de modo mais delongado e profundo.

Em pauta de abertura da geografia pós-estruturalista pelo pensamento rizomático, estima-se tecer, através da revisão conceitual, uma analítica da relação entre a geografia e o rizoma. Busca-se esse encontro mediante uma chave analítica em duas discussões interligadas: 1) O espaço rizomático, analisando-se as linhas do rizoma e 2) Os territórios e os códigos, analisando-se os pontos do rizoma. Isso, considerando-se que o espaço rizomático é, tão já, o fundamento da multiplicidade constante entre territórios e códigos. Opondo o rizoma ao sistema, projeta-se uma relação de movimentos produzindo a realidade ao invés de considerar a realidade pelo sistema de objetos. Disso, encontram-se os movimentos como base da natureza no humano – o inconsciente –, agindo para constituir os territórios e os códigos. Por mais, confere-se um trabalho analítico admitindo um outro olhar para a realidade, enquanto uma cartografia dos movimentos, produzindo os mapas da multiplicidade. Assim, a geografia rizomática elabora-se pela abordagem pós-estruturalista ao sentido de estilhaçar as identidades em multiplicidades de diferenças.

Espaço rizomático

Na Grécia [...] a palavra physis (natureza) tinha outro sentido, bastante próximo ainda de sua raiz indo-europeia bhu: brotar, crescer como vegetais; daí a ideia de estar em devir no tempo, que se pode reconhecer em francês no (je) fus. Na Odisseia, a palavra physis tem ainda o sentido de “o que é uma planta”.

(Berque, 2023, p. 51)

Depreender a realidade rizomática, mediante as linhas, é priorizar o movimento e, ao revés, depreender a realidade sistêmica, pelos pontos, é priorizar os objetos. Além da leitura da natureza das paisagens, a própria natureza humana admite-se rizomática, segundo que: “é como se nossa cabeça contivesse uma máquina em movimento constante, que continuasse trabalhando mesmo nas condições mais impróprias para o pensamento” (Nietzsche, 2017, p. 42). Essa perspectiva concorda com a questão pós-estruturalista, admitindo as estruturas, mas somente enquanto fabricadas pelos movimentos. De modo geral: “Indivíduos e grupos, somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. [...] algumas nos são impostas de fora, pelo menos em parte. Outras nascem um pouco por acaso, de um nada” (Deleuze; Guattari, 2012a, p. 83). Logo, o sentido do tempo provoca a estabilidade do espaço enquanto objeto, tornando, ele

⁵ Tradução livre de: “Abstract space is conceived before it is lived”.

mesmo, um fluxo rizomático. Por esse caminho, pauta-se a geografia pós-estruturalista na constituição do conceito de espaço rizomático:

Assim, o movimento não provém dos humanos, como afirma a geografia humanística, nem provém de objetos no espaço, como provavelmente afirmaria a ontologia orientada a objetos. No movimento, o corpo encontra o meio, passagens passadas se atualizam em futuras e a repetição produz diferença. Os refrões produzem a subjetivação de quem passa, bem como a territorialização do caminho. O corpo e o caminho não são algo que existe antes da passagem, mas acontecem dentro do evento do movimento⁶ (Pospíšilová; Dobos; Osman, 2024, p. 88).

Dessa orientação, instiga-se ainda mais a questão do movimento enquanto determinante para a configuração do espaço, tecendo-se em rizoma. Por isso, pesa-se que: “aqui há apenas um devir, e não um ser ao qual o devir (ser) chega. Não há nada além da intermediação”⁷ (Doel, 1999, p. 171). O rizoma é a multiplicidade das multiplicidades, pois o tempo (pelo movimento) transforma o espaço (a multiplicidade). Com isso, assenta-se: “o efeito de sentido de um espaço rizomático só poderia ser o de sujeitos múltiplos e o de leituras múltiplas” (Bellon, 2015, p. 54). O espaço rizomático é o espaço-tempo da realidade, natural e humana. Por conseguinte, tudo está em movimento pelo tempo e em transformação pelo espaço. Quanto ao sujeito mesmo, afere-se que: “O sujeito é o sujeito. Sozinho ele se mantém. E não precisa de pele, carne, rosto ou fluido. Corpo ele nunca é. Corpos são os inimigos do sujeito. O sujeito é o que resta quando o corpo é retirado; ele está literalmente em humano (eu sou – morto)”⁸ (Doel, 1995, p. 211). Com esse sentido, o espaço rizomático alicerça a realidade no movimento, considerando-se o tempo através do complexo de linhas e fabricando o espaço dos objetos abstratos.

O espaço rizomático, portanto, confere-se por ressaltar a distensão do tempo como a própria realidade. Não há um concreto puro porque tudo no tempo está movendo-se e fabricando espaços. A realidade geográfica é a “interconexão de muitas redes, formando um amplo espaço rizomático sem começo nem fim, se desenvolvendo pelo meio, com muitas saídas e entradas, espaço rizomático com multiplicidade de saberes” (Oliveira, 2018, p. 326). Por isso, o *meio geográfico* é o presente entre o passado (enquanto *início geográfico* orientado para o futuro) e o futuro (enquanto *fim geográfico* orientado para o passado). Ademais: “Ao constructo completo encontra-se o início-meio-fim geográfico em circularidades múltiplas” (Lopes, 2023, p. 91). Nisso, a lógica do tempo geográfico produz-se em

⁶ Tradução livre de: “Thus, movement neither comes from humans, as humanistic geography claims, nor does it come from objects in space, as object-oriented ontology would likely claim. In movement, the body meets milieu, former passages actualize into future ones, and repetition produces difference. Refrains render the subjectification of who passes as well as the territorialization of the path. The body and the path are not something that exist before the passage, but they happen within the event of movement.”

⁷ Tradução livre de: “here is only a becoming, and not a being to which the becoming (be) comes. There is nothing beyond betweenity”

⁸ Tradução livre de: “The subject is the subject. Alone it stands. And in no need of skin, flesh, face or fluid. Body it never is. Bodies are the enemies of the subject. The subject is what remains when the body is taken away; it is literally in human (I am–dead).”

linhas, com inícios e com fins, segmentadas pelos meios: o próprio presente da realidade. Chega-se ao espaço rizomático enquanto multiplicidade de espaços entramados, ou seja, é o movimento (temporal) da realidade, fabricando a realidade (espacial) em movimento.

Nesse sentido, a multiplicidade de linhas existe por conta de o tempo ser o movimento absoluto fabricando espaços relativos e relacionais. Descreve-se esse espaço em termos de “entrelaçamentos e configurações de trajetórias múltiplas, de histórias múltiplas” (Massey, 2005, p. 212). Todavia, não há núcleo, linha ou espaço privilegiados, a saber: “No espaço rizomático, o integrante tem uma liberdade maior na navegação exploratória de seu caminho, já que não há incumbência a um final específico. [...] Noutros termos, no rizoma não há um fio narrativo condutor” (Rocha, 2015, p. 264). Por fim, a lógica rizomática é nômade, porque realiza-se pelo feixe de linhas em fluxo, sem determinações ou caminhos pré-estabelecidos. De mesmo modo, a realidade rizomática atravessa “uma temporalidade que não é linear nem singular, nem preconcebida, mas é integrante do espacial” (Massey, 2005, p. 212). Confirma-se, então, a multiplicidade dos espaços pelo tempo, mas também a multiplicidade dos tempos pelo espaço rizomático.

A política do espaço rizomático projeta-se, justamente, por sua ausência de orientação privilegiada. Desse modo, verifica-se que: “A perda da exclusividade e da autoridade nas tomadas de decisões [...] amplia as chances de um número plural de perspectivas culturais habitarem e preencherem o espaço rizomático” (Sales; Garcez, 2024, p. 360). Segue-se esse pensamento de modo a visionar a integração dos espaços – sociais, políticos, econômicos, culturais, naturais etc. – pelo espaço rizomático. Disso, as diferenças espaciais coligam-se em múltiplas relações e em multiplicidades relacionais. Por conseguinte: “O conceito de espaço rizomático chama a atenção para o caráter social e político do espaço. [...] em teorias e reflexões sobre espacialidade que concebem espaço como produto de inter-relações, que é continuamente construído e modificado” (Freitas, 2014, p. 2). Espaço e política unem-se pelos processos a serem objetivados, realizando os meios e os ambientes através das relações e das relatividades. Nesse perpasso, o espaço rizomático admite uma constituição sociopolítica pela interligação das diferenças em uma multiplicidade de espaços a fabricarem a subjetivação. Como exemplo, tem-se o ciberespaço:

No contexto comunicacional de diálogo de interatividade em espaços virtuais que geram conversações todo-todos, vence as barreiras de tempo e espaço superando as fronteiras, num espaço rizomático de construção de multiplicidade de saberes, onde cada um aprende com o outro, reconstrói e ressignifica constituindo novos saberes que se conectam (Oliveira, 2018, p. 377).

Desse modo, retoma-se ao rizoma, a multiplicidade das multiplicidades, realizado pelo espaço-tempo. Nisso, os múltiplos espaços constituem-se por espaços múltiplos, afinal: “a noção de espaço rizomático é particularmente evidenciada pela forma como os sujeitos estão enredados nos espaços uns dos outros, numa relação dinâmica de poder e dominação” (Freitas, 2014, p. 2). Por esse caminho, entende-se que a política da diferença implica a diferença das políticas em um mundo múltiplo e global.

Afirma-se, por mais, que: “A interculturalidade, de certa forma, infiltrar-se-ia de dentro para fora, de fora para dentro e de todos os lados, permeando toda a existência e funcionamento do rizoma” (Sales; Garcez, 2024, p. 360). As sociedades diferenciam-se em distintos emaranhados rizomáticos, fabricando distintas culturas. Nisso, a relação entre espaço e cultura aprofunda-se enquanto multiplicidade de relações e referências a conduzirem as dinâmicas de poder.

O espaço rizomático é um espaço de poderes, desejos e capitais. Nesse quadro, ambienta-se a geografia do mundo contemporâneo mediante as articulações sócio-rizomáticas entre os desvios e potências “da paisagem na criação de novos significados para o habitar no contexto do Pós-Antropoceno. Estabelece, por fim, um diálogo [...] do espaço rizomático nesse contexto, ao experimentar a ambiência com os transbordamentos dos atravessamentos dos afetos pelos corpos” (Passarini; Hirao, 2024, p. 392). Sempre através das linhas, sendo processos e movimentos, estima-se a coligação entre os espaços e as histórias. Nessa proposição, o *contexto* é definido pelos lugares, nós dentro dos emaranhados do rizoma, situando o espaço realizado pelos corpos e pelas coisas. Como exemplo, tem-se a feira-livre, porque: “Na relação espaço/tempo, é um espaço definido numa duração curta de tempo. É tão mutável e dinâmica quanto o rizoma. É um espaço rizomático. É um espaço de indeterminações. A feira-livre é um espaço de instalações tão reais quanto temporárias” (Koga; Hirao, 2021, p. 157). Dito isso, visa-se ao espaço rizomático enquanto fábrica de contextos, entre o geral e o particular, ou seja, entre o tempo o lugar.

Desse caminho, o espaço rizomático coliga-se pelas sociedades, pelas políticas, pelas culturas, pelas histórias, pelas economias, pelas naturezas... Qualifica-se, inclusive, a constituição das paisagens musicais, ao exemplo da análise técnica da música *Kurze Shatten II* de Brian Ferneyhough, promovendo que: “O rompimento com o conceito tradicional de unidade percebido na análise origina uma música de transformações, passagens, aproximações e contrastes, efetivada em um espaço rizomático operado por um jogo de diferenças e impermanências” (Azzi; Barbosa, 2022, p. 1). O sentido rizomático guia-se em uma metodologia aberta por múltiplas orientações espaciais do tempo, tal como os sons. Ainda nas condições específicas, exemplifica-se o estudo das cidades como nodais às linhas da espacialidade do rizoma, tal como ocorre “para o esforço aqui empreendido, quanto ao entendimento das espacialidades presentes e múltiplas em Batista Campos. Isto se realizará a partir da noção de um espaço rizomático” (Dias, 2009, p. 10). Analisar o espaço rizomático é, tão já, encontrar-se com as multiplicidades, entramando contextos em escalaridades diferenciais e em temáticas plurais.

Em uma questão teórica do espaço rizomático, entende-se a multiplicidade de linhas como fundamento do movimento realizado nos espaços. O espaço rizomático é a multiplicidade das multiplicidades espaciais: espaços sociais, espaços políticos, espaços culturais, espaços econômicos, espaços naturais... É um espaço rizomático, pois é um múltiplo espaço calcado no tempo. O espaço rizomático, portanto, é o espaço dos tempos e o tempo dos espaços. Nisso, fabricam-se contextos entramando o movimento da multiplicidade em corpos e em lugares; aplicando-se, por exemplo, à

análise de músicas e de cidades. Ao mais, a questão das linhas dimensionando o espaço são, elas mesmas, a possibilidade geográfica da realidade. O espaço é o múltiplo, a saber, o meio segmentado entre inícios e fins; logo, o espaço é a intenção, ou seja, contexto selecionado entre poderes, desejos e capitais. O espaço rizomático, em suma, é a multiplicidade dos espaços. Com mais precisão, instigadas as tramas rizomáticas das linhas, faz-se pertinente perpetrar nos estratos – coligando territórios e códigos – dos pontos.

Territórios e códigos

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque de vespa; mas a vespa se reterritorializa sobre esta imagem. A vespa se desterritorializa, no entanto, devido ela mesma uma peça no aparelho reprodutor da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transportando o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade.

(Deleuze; Guattari, 1995a, p. 26)

Para a constituição do espaço rizomático, delineia-se uma configuração de estratos, ligados a códigos e a territórios. Os dois fatores são articulados entre si, produzindo estratificações: “Códigos e territorialidades, descodificações e desterritorialização não se correspondem termo a termo: ao contrário, um código pode ser de desterritorialização, uma reterritorialização pode ser de descodificação. [...] E esses fatores se comunicam, se entrelaçam nos meios” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 90). O código – genético, digital, moral etc. – divide-se, no processo, em codificação, descodificação e recodificação. O território divide-se, no processo, em territorialização, desterritorialização e reterritorialização. Há, ainda, como abrir o código em multicodificação, pluricodificação e transcodificação; tal como o território em multiterritorialidade, pluriterritorialidade e transterritorialidade (Haesbaert, 2021; Haesbaert; Mondardo, 2011). Ambos são fatores de estratificação, produzindo a diferença no espaço rizomático, e são entrelaçados em diversas modalidades: des-re-codificação/des-re-territorialização e multi-pluri-trans-codificação/multi-pluri-trans-territorialização.

Pela tarefa teórica, enfatiza-se o vínculo entre códigos e territórios e, ainda, afirma-se serem fabricados pelo rizoma. A origem da discussão das estratificações nesses dois eixos parte do professor Challenger, personagem criado por Arthur Conan Doyle (1859-1930), autor de Sherlock Holmes, em suas obras de ficção científica, sobretudo pelo livro *The lost World* (Doyle, 1912) e pelo conto *When the World screamed* (Doyle, 1928). Assim, transpõem-se os conceitos dessa obra literária na linguagem pós-estruturalista a culminar na estética filosófica da Terra:

O professor Challenger [...] explicou que a Terra — a Desterritorializada, a Glaciária, a Molécula gigante — era um corpo sem órgãos. Esse corpo sem órgãos era atravessado por matérias instáveis não-formadas, fluxos em todos os sentidos, intensidades livres ou singularidades nômades, partículas loucas ou transitórias. [...] ao mesmo tempo, produzia-se na terra um fenômeno muito importante, inevitável,

benéfico sob certos aspectos, lamentável sob muitos outros: a estratificação. Os estratos eram Camadas, Cintas. Consistiam em formar matérias, aprisionar intensidades ou fixar singularidades em sistemas de ressonância e redundância, constituir moléculas maiores ou menores no corpo da terra e incluir essas moléculas em conjuntos molares. Os estratos eram capturas; eram como “buracos negros” ou oclusões que se esforçavam para reter tudo o que passasse ao seu alcance. Operavam por codificação e territorialização na terra, procediam simultaneamente por código e territorialidade (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 70).

O entrelaçamento das linhas em rizomas formam os pontos, isto é, os estratos a serem entramados em uma espacialidade de códigos e de territórios. Nesse quadro, considerando a fisionomia de transição (paraestrato) e de unificação (epiestrato), entende-se que: “Se as formas remetem a códigos, a processos de codificação e descodificação nos paraestratos, as substâncias, enquanto matérias formadas, remetem a territorialidades, a movimentos de desterritorialização nos epistratos” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 88). Por isso, os códigos (formas) e os territórios (matérias) estão diretamente associados, respectivamente, interligando os estratos e diferenciando os estratos. Desse modo: “A perspectiva territorial [...] se envolve nas multiplicidades e na cartografia de rizoma que representaria, em fundamento pós-estruturalista e de inspiração pós-marxista, a superação das dicotomias entre consciente e inconsciente, natureza e história e corpo e alma” (Fuini, 2015, p. 8). Nesse sentido, a constituição da realidade é fabricada pelo rizoma como estratificação, conduzida tanto pelos códigos, produzindo discursos, quanto por territórios, produzindo espaços. Isso em nota de que todo espaço é discursivo, pois toda substância é matéria formada.

A relação entre os estratos são rizomáticas, em linhas segmentadas, mas sem delimitações fechadas. Em um rizoma, existem seis princípios: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania (Nascimento, 2023). Nessas diretrizes, a geografia do rizoma opera “uma cartografia navegante, composta por espaços com fronteiras líquidas [...]. Nesse fluxo cartográfico são flagrados diversos pontos de tensões e rasuras desses espaços do mundo de consumo capitalista e da indústria cultural” (Andrade; Herrera, 2014, p. 9). Por esse sentido, a realidade é um entrelaçamento múltiplo das diferenças, demarcando geograficamente os códigos e os territórios a partir dos contextos históricos. Isso, lembrando que: “O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’. O território é o produto de uma territorialização dos meios e dos ritmos” (Deleuze; Guattari, 2012b, p. 127). O rizoma é, de fato, uma modelagem da multiplicidade das multiplicidades, haja vista que: “o pensamento rizomático parte do princípio de que as estruturas naturais, biológicas ou mesmo sociais, estão ligadas por inúmeros pontos conectivos, como uma rede” (Nascimento, 2023, p. 7). Impera-se, nos estratos, a variedade de processos, tanto naturais, quanto sociais, inclusive históricos, mas também filosóficos.

Ainda em investigação dos estratos, tem-se o fundamento de unidade estipulada aos múltiplos. Para tanto, encontra-se, em cada estrato, a seguinte chave: “Existem *variáveis de conteúdo*, que são proporções nas misturas ou agregados de corpos, e existem *variáveis de expressão*, que são fatores

interiores à enunciação” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. 103, destaque dos autores). Disso, o conteúdo está interligado com os territórios, cedendo o espaço dos corpos, tal como a expressão está interligada com os códigos, cedendo o discurso das enunciações. Para tanto, abre-se: “a base da geografia da linguagem conforme as relações espaço-discurso (espaço topológico) e lugar-enunciado (lugar topográfico): desvelando o processo de nomeação” (Lopes, 2024, p. 239). De fato, há uma relação entre os códigos como base linguística para os territórios, a partir de que existem: “três espécies de signos: os *índices* (*signos territoriais*), os *símbolos* (*signos desterritorializados*), os *ícones* (*signos de reterritorialização*)” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 103, destaque dos autores). Os códigos (expressões) são geograficizados sob os territórios (conteúdos), ou seja, é pela linguagem que a relação entre espaço (discurso) e lugar (enunciado) são assentados na realidade.

Todo território porta-se de um código, todo código porta-se de um território; mas isso em uma dialética, a codificação perpassa a desterritorialização reterritorializante e a territorialização perpassa a descodificação recodificante. Em articulação desses conceitos na configuração do processo rizomático do século XX, estima-se a seguinte análise:

O que ocorre no fim do século XX, com o desenvolvimento intensivo e extensivo do capitalismo pelo mundo, abrindo ou reabrindo fronteiras, é a emergência de uma configuração geo-histórica original, dotada de peculiaridades especiais e de movimentos próprios, que se pode denominar global, globalizante, globalizada ou globalismo. Trata-se de uma realidade social, econômica, política e cultural de âmbito transnacional. Pode recobrir, impregnar, mutilar ou recriar as mais diversas formas de nacionalismos, assim como de localismos, provincianismos, regionalismos e internacionalismos, bem como de colonialismos e imperialismos. Nem sempre anula o que preexiste, mas em geral modifica o lugar e o significado do que preexiste. O globalismo modifica as condições e as possibilidades de espaço e tempo que se haviam constituído e codificado com base no parâmetro geohistórico e mental representado pelo nacionalismo. Desterritorializam-se e reterritorializam-se em outros lugares, em outras durações, as coisas, as gentes e as ideias. Também assim se transforma o mapa do mundo, não só o que pode estar na geografia e na história, mas também o que pode estar nas mentes e corações (Ianni, 1999, p. 20-21).

Essa concepção do espaço-tempo, conforme a multiplicidade de territórios e a multiplicidade de códigos, tece o espaço rizomático do contexto global em movimentos severamente dinâmicos, rápidos e intensos. O rizoma, portanto, já é movimento desde a percepção geográfica do espaço: “Quando um decifrador ambulante, navegante através dos códigos e produtos semióticos, se depara com seus objetos de escrutínio, espaços e tempos heterogêneos são postos a interagir, se imbricar e tomar parte em uma trama fugidia e dinâmica de narrativas” (Veneroso, 2016, p. 17). Disso, a realidade é apreendida pela interface código-território, em um complexo espaço-tempo, enquanto linguagem-geografia. Por isso, encontra-se um quadro rizomático passível de deduções, afinal: “há exatamente uma história universal, mas é a da contingência (como os fluxos, que são o objeto da História, passam por códigos primitivos, sobrecodificações despóticas e descodificações capitalistas que tornam possível uma conjunção de fluxos independentes)” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 10). Desse todo universal, a história é a própria

segmentação das linhas rizomáticas, estratificando-se enquanto geografia. Nesse sentido, a transformação da realidade perpassa a estratificação em diferentes processos: entre códigos, históricos e territórios, geográficos.

Chega-se, ao fim, à condição histórica da estratificação, fundamentando a máquina geográfica de espacialização rizomática. A globalização, como lócus mais efervescente do espaço rizomático, medeia os processos de desestruturação e de multiplicidade das cidades, a saber: “Se o fim do século XX cria novas utopias, o início do XXI abala todas as estruturas [...]. Esse período eufórico de emergência de uma nova sociedade [...] alterou a geografia das cidades – agora estruturalmente labiríntica – bem como a estrutura interna do sujeito que as habita” (Botton, 2019, p. 452). Esse direcionamento universal do espaço urbano rizomático esmiuça, justamente, o entrelaçamento da multiplicidade concentrada em espaços estriados das cidades (sedentários), contra espaços lisos dos desertos (nômades). Conceitua-se essa chave a partir de que: “No espaço estriado, fecha-se uma superfície, a ser ‘repartida’ segundo intervalos determinados, conforme cortes assinalados; no liso, ‘distribui-se’ num espaço aberto, conforme frequências e ao longo dos percursos (*logos* e *nomos*)” (Deleuze; Guattari, 2012, p. 200). Nisso, a atualidade é demarcada pelo contexto global, efervescendo a mecânica dialética entre os espaços estriados e os espaços lisos.

Enfim, depreender o contexto do espaço rizomático convoca a estilhaçar os meios e os ritmos em múltiplas linguagens. Desse modo, pelo rizoma, tem-se a segmentação pelos códigos (com a dimensão histórica) e a estratificação pelos territórios (com a dimensão geográfica). Outrossim, um estrato é uma matéria, ou seja, uma substância formada conforme o conteúdo, marcado pelo território e a expressão, marcada pelo código. Há, portanto, uma ligação intrínseca entre código e território, distintos por uma dialética de descodificação territorializante e de desterritorialização codificante. Um estrato é uma unidade território-código no espaço-tempo, portando a fisionomia de transição (paraestrato) e de unificação (epiestrato). Nisso tudo, a história e a geografia mecanizam o contexto da história universal, trabalhada hoje segundo a globalização, carreando o capitalismo global anexo às relações entre as indústrias culturais. O mundo global promove um aprofundamento do espaço rizomático, alargando as diferenças, tais como entre o espaço estriado e o espaço liso. Resta, apenas, desejar uma ampliação da discussão pós-estruturalista no visionamento do novo mundo humano.

Considerações finais

Em virtude de perspectivar a geografia em suas diversas possíveis abordagens, tem-se na geografia pós-estruturalista, ebulida na década de 80, uma perspectiva em próis da descontinuidade e da diferença. Nesse sentido, a crítica às teorias dominantes promoveu um caminho alternativo à geografia, refugiando-se dos pensamentos sistemáticos. Com efeito, em contraste com a teoria dos sistemas, essa corrente embasou-se na teoria do rizoma, a saber, enquanto o sistema conecta pontos por linhas, o rizoma conecta linhas por pontos. Dessa base, a realidade – tanto natural, quanto social – é entendida entre os

pontos (objeto, material e concreto) e as linhas (relação, processo e movimento). Disso, o rizoma apela para um emaranhado, correspondendo ao mecanismo do inconsciente, para dimensionar a ligação entre o humano e a natureza. Assim, pela geografia, investigou-se o espaço rizomático em sua constituição entre códigos e territórios.

Por esse laço, entende-se o espaço rizomático enquanto condição da realidade, sendo um entrelaçamento de linhas, segmentando-se em múltiplos espaços e de pontos, estratificando-se em espaços múltiplos. Ainda, o rizoma é a multiplicidade das multiplicidades, tal como o espaço rizomático é a multiplicidade dos espaços: espaços sociais, espaços políticos, espaços culturais, espaços econômicos, espaços naturais etc. Nesse imbróglio, privilegia-se o movimento em detrimento dos objetos, propiciando verificar o real enquanto máquina abstrata dos corpos e dos lugares. Dessarte, o espaço rizomático é a trama de linhas em uma espacialidade múltipla formando a realidade através de múltiplos espaços. O espaço é a intenção, portanto, é o contexto selecionado entre poderes, desejos e capitais. Os meios, sendo unidades dos espaços, adquirem a conceituação temporal entre inícios e fins. Dessa maneira, o movimento antevê o concreto, tal como o processo antevê a matéria. Todavia, de fato, a realidade está na estratificação do espaço rizomático.

As linhas são segmentadas pela dinâmica da história e os pontos são estratificados pela dinâmica da geografia. De um lado, os códigos são as linguagens conduzidas por territórios e de outro lado, os territórios são os espaços conduzidos por códigos. O estrato é a conjunção entre código e território, admitindo-se uma interligação constituinte das diferenças. Ademais, os estratos, entre si, portam a fisionomia de transição (paraestrato) e de unificação (epiestrato). Entre eles, o rizoma performa a realidade em uma substância, isto é, em uma matéria formada. Por isso, entende-se a formalização geográfica da história, haja vista ser o tempo fundamentado no espaço. Nisso, perpassa-se a condição do capitalismo imerso na globalização, sobretudo, pelas indústrias culturais. Nesse contexto do mundo global, compete-se assentir em uma realidade moldada pelo tempo, em um maquinário controlador dos lugares, pelos códigos e dos corpos, pelos territórios.

Com esse trabalho, assentado na geografia pós-estruturalista, promove-se a discussão do espaço rizomático enquanto fundamento da múltipla realidade geográfica. A diferença e a descontinuidade enquadram-se pelo rizoma em uma espacialidade temporal e em uma temporalidade espacial. Isso posto, a dicotomia entre a natureza e o humano dilui-se no espaço-tempo, sendo categoria geral da geografia dos estratos. A realidade, enfim, é subsequente ao princípio rizomático: o movimento é a realidade, enquanto o real é a ideia da realidade percebida. Com essa elaboração, deixa-se severamente dito sobre a importância de ampliação, sobretudo contextual, desse trabalho. Como fim, estima-se ter guiado o caminho teórico-metodológico do pós-estruturalismo na ciência geográfica, possibilitando um avanço teórico nas pesquisas práticas acerca da realidade.

Referências

- ANDRADE, Gabriela; HERRERA, Antônia. Mastigando humanos: uma cartografia psicológica e contemporânea. **Inventário da Universidade Federal da Bahia (Online)**, v. 14, p. 1-13, 2014.
- AZZI, Artur; BARBOSA, Rogério. Kurze Schatten II: procedimentos compostionais e princípios estéticos. **PerMusi**, n. 42, p. 1-27, 2022. <https://doi.org/10.35699/2317-6377.2022.36934>
- BATISTA, Rosana. **Teoria e método da Geografia**. São Cristóvão: Cesad, 2015.
- BELLON, Ana. O avesso através do espaço: espacialidades múltiplas e transições identitárias. **Caderno Seminal Digital**, a. 22, n. 24, v. 1, p. 28-5, 2015. <http://dx.doi.org/10.12957/cadsem.2016.25566>
- BERTALANFFY, Ludwig. **General System Theory: foundations, development, application**. New York: George Braziller, 1969.
- BERQUE, Augustin. **O pensamento-paisagem**. São Paulo: Ed. USP, 2023.
- BOTTON, André. Literatura e cidade rizomáticas. **Letras de hoje**, v. 54, n. 4, p. 451-458, 2019.
- CLAVAL, Paul. A geografia pós-estrutural e a abordagem cultural. **Geousp**, v. 26, n. 2, p. 1-17, 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2022.200518>
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, v. 1, 1995a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, v. 2, 1995b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, v. 3, 2012a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, v. 4, 2012b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia** 2. São Paulo: Ed. 34, v. 5, 2012c.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DIAS, Fernando; NASSIF, Mônica. Migração conceitual e patologia metodológica: análise da incorporação do conceito rizoma aos estudos da Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 18, n. 2, p. 147-166, 2013. <https://doi.org/10.1590/S1413-99362013000200010>
- DIAS, João. Por um espaço singular: produção do espaço e espacialidade múltipla da praça Batista Campos, Belém-PA. **Papaer do Naea**, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2009. <http://dx.doi.org/10.18542/papersnaea.v18i1.11421>
- DOEL, Marcus. **Poststructuralist geographies: the diabolical art of spatial science**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DOEL, Marcus. **Qualified quantitative geography**. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 19, n. 5, p. 555-572, 2001. <https://doi.org/10.1068/d292>

DOEL, Marcus. *Bodies without organs: schizoanalysis and deconstruction*. In: PILE, Steve; THRIFT, Nigel (Eds.). *Mapping the subject: geographies of cultural transformation*. London: Routledge, p. 208-221.

DOYLE, Arthur. *The lost World*. New York: Hodder & Stoughton, 1912.

DOYLE, Arthur. *When the World Screamed*. Londres: John Murray Publishers, 1928.

FREITAS, Viviane. O espaço rizomático de Vasto Mar de Sargaços. **Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n. 7, p. 26-40, 2014. <https://doi.org/10.69969/revistababel.v4i2.1403>

FUINI, Lucas. O território e suas variantes: uma incursão pela Geografia na Pós-Modernidade. **Anais do XV Encontro de Geógrafos da América Latina (EGAL)**. Havana-Cuba: Universidad de la Habana, v. 1, p. 1-20, 2015.

HAESBAERT, Rogério. A corporificação “natural” do território: do terricídio à multiterritorialidade da Terra. **GEOgraphia**, v. 23, n. 50, p. 1-19, 2021. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i50.a48960>

HAESBAERT, Rogério; BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari. **GEOgraphia**, Niterói, v. 4, n. 7, p. 7-22, 2002. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2002.v4i7.a13419>

HAESBAERT, Rogério; MONDARDO, Mondardo. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **GEOgraphia**, v. 12, n. 24, p. 19-50, 2011. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2010.v12i24.a13602>

IANNI, Octávio. A era do globalismo. In: OLIVEIRA, Flávia Arlanch Martins de (Org.). **Globalização, regionalização e nacionalismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 1999, p. 15-41.

KOGA, Renan; HIRAO, Hélio. Experimentações espaciais e linhas subjetivas que transbordam e potência do projeto arquitetônico e Jardim Paulista, Presidente Prudente/SP. **Pixo**, v. 5, n. 16, p. 152-163, 2021. <https://doi.org/10.15210/pixo.v5i16.19395>

LE GUIN, Ursula. **Os despossuídos**. Tradução de Suzana I. de Alexandria. São Paulo: Aleph, 2017.

LOPES, Jahan. Arqueologia dos lugares: toponímia e topologia. **Entreletras**, v. 15, n. 2, p. 230-247, 2024. <https://doi.org/10.70860/ufnt.entreletras.e18203>

LOPES, Jahan. Circularidades geográficas: espaço, escala e tempo. **Revista Tamoios**, v. 19, n. 1, p. 78-93, 2023. <https://doi.org/10.12957/tamoios.2023.65716>

LOPES, Jahan. Geografia nomadológica: espaço, desejo e poder. TCC (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2024.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 4^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MORAES, Antonio. **Geografia pequena história crítica**. 21^a ed. São Paulo: Annablume, 2007.

NASCIMENTO, Ariel. Entre o rizoma e a complexidade: a heterotopologia. **Gestadi – Revista do Grupo de Estudo de Análise do Discurso**, v. 1, n. 2, p. 1-16, 2023. <http://dx.doi.org/10.5281/zenodo.10404943>

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Lafonte, 2017.

OLIVEIRA, Cláudia. Redes de aprendizagem no contexto das tecnologias digitais: aprender e compartilhar na multiplicidade de saberes de um espaço rizomático. **Tese** (Doutorado em Educação matemática e educação tecnológica) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2018.

PASSARINI, Vitória; HIRAO, Hélio. Habitar o pós-Antropoceno: os afetos e seus transbordamentos em um trecho não tamponado do Córrego do Veado em Presidente Prudente/SP. **Pixo**, v. 8, n. 29, p. 392-409, 2024. <https://doi.org/10.15210/pixo.v8i29.27122>

POSPÍŠILOVÁ, Lucie; DOBOŠ, Pavel; OSMAN, Robert. *Movement refrains of people with visual impairments: a post-phenomenological geography beyond space and place*. **Moravian geographical reports**, v. 32, n. 2, p. 80-89, 2024. <https://doi.org/10.2478/mgr-2024-0007>

ROCHA, Claudio. A estrutura rizomática aplicada na construção narrativa de animações interativas veiculadas na Internet. **Ouvirouver**, Uberlândia, v. 11, n. 1, p. 258-270, 2015. <https://doi.org/10.14393/OUV16-v11n1a2015-15>

SALES, Rodrigo; GARCEZ, Dirnèle. Contradispositivos rizomáticos para inquietar a organização do conhecimento: uma tentativa decolonial. In: ALMEIDA, Carlos; SAN SEGUNDO, Rosa; MARTÍNEZ-ÁVILA, Daniel (Org.). **Estudos críticos em organização do conhecimento**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2024, p. 337-366.

VENEROSO, Pedro. Rizomas: espaços-tempos concretos e virtuais na literatura e na computação. **Dissertação** (Mestrado em Estudos literários) – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2016.

WOODWARD, Keith; DIXON, Deborah; JONES, John. *Poststructuralism/Poststructuralist Geographies*. **International Encyclopedia of Human Geography**, v. 8, p. 396-407, 2009. <https://doi.org/10.1002/9781118786352.wbieg1101>



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.